

Arte Criativa, Cultura e Turismo: reflexões iniciais sobre a realidade da olaria portuguesa de Porches

Jean Carlos Vieira SANTOS¹

Resumo: Este artigo apresentado aos leitores foi preparado com o objetivo de veicular uma abordagem preliminar de um contexto em que a tradicional atividade popular oleira se mantém viva em território luso, mantendo uma arte de mãos criativas associada ao turismo e seus negócios. Esta tornou-se, aliás, potencialmente a ideia central que presidiu à escolha do tema, que foi estudar a realidade contemporânea da olaria de Porches/Lagoa na região Algarve, sul de Portugal. A construção deste ocorreu por meio de uma pesquisa bibliográfica, trabalhos de campo e gabinete, permitindo uma aproximação do pesquisador com realidade portuguesa encontrada. A realidade analisada por esta investigação demonstra que a apropriação de novos territórios foi favorável para manter valores, práticas, costumes e culturas elaboradas por diferentes grupos de famílias nativas e estrangeiras envolvidas com o turismo e a arte criativa oleira no destino turístico internacional Algarve.

Palavras Chave: Olaria. Turismo. Algarve. Porches. Arte Estrangeira.

Introdução

Este texto apresentado aos leitores foi preparado com o objetivo de veicular uma abordagem preliminar de um contexto em que a tradicional atividade popular oleira se mantém viva em território luso, mantendo uma arte de mãos criativas associada ao turismo e seus negócios. Esta tornou-se, aliás, potencialmente a ideia central que presidiu à escolha do tema, que foi estudar a realidade contemporânea da olaria de Porches/Lagoa na região Algarve, sul de Portugal, uma paisagem de confinamento de elementos e investimentos que a define como destino turístico maduro e internacional.

Neste viés, pretende-se ao falar da olaria de Porches/Lagoa/Algarve (Figura 1), confluir a abordagem para a temática turismo considerando que essa exercita uma dimensão espacial, territorial e com as densidades e particularidades dos lugares. Quanto a escala de análise deste trabalho, afigura-se pertinente salientar Ribeiro (1986, p. 57), um especialista dedicado ao estudo geográfico português, que ao caracterizar o sul de Portugal, lembra que “os árabes reforçaram o tom mediterrâneo que os romanos haviam começado [...]”. Não ignorando o pensamento regional enfatiza também que os povos do sul historicamente foram mais polidos.

¹ Professor e Coordenador do Laboratório de Estudos e Pesquisas em Turismo e Geografia Oleira do Curso de Geografia da Universidade Estadual Goiás - Câmpus Quirinópolis (UEG). . Doutor pelo Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia (IGUFU/MG). Pós Doutorando em Turismo pela Faculdade de Economia da Universidade do Algarve (Portugal). E-mail: jean.vieira@ueg.br ou svcjean@yahoo.com.br

Figura 1 - Aldeia de Porches no município de Lagoa (Algarve – Sul de Portugal), tradicional centro oleiro regional.



Fonte: Vieira Santos, J. C. 2014.

Outra concepção a assinalar diz respeito que Ribeiro demarca a região considerando que “aí se encontram mais frequentes vestígios de relações com os navegadores do Mediterrâneo, fenícios, gregos, cartagineses e indígenas de Tartessos. [...] e as principais cidades e estabelecimentos romanos, visigóticos e árabes” (p.134-135). Sublinhando que “o Algarve conservou no nome, justaposto a Portugal, a sua poderosa originalidade” (RIBEIRO, 1986, p. 166), proporcionando um nexos referencial a essa região, encontrando no seu percurso atual uma convergência e apropriação para e pelo turismo.

Nesta linha, o encadeamento geográfico deste artigo tem como escala de análise o município de Lagoa, que por sua vez, pertence ao Distrito de Faro, com área de 88, 25 km², tem seus limites geográficos com Silves, Portimão e Oceano Atlântico, e está subdividido em quatro freguesias. Nessa escala de trabalho elegeu-se para uma apreciação a freguesia de Porches, principal centro oleiro regional, colocando também esse território como ponto de partida para compreender a atual dimensão econômica, social e cultural das olarias no Algarve.

Daí reconheça ser lícito mensurar que o recorte de investigação está:

[...] situada atualmente junto s E. N. 125, a 5 Km de Lagoa (sede do Concelho), é uma pequena aldeia empoleirada no alto de um pequeno outeiro. O povoado (Pois antes existiu a Porches Velho, destruída pelo terremoto de 1755) surgiu à volta da Igreja Matriz, construída no século XVI, contudo foi quase completamente destruído pelo terremoto de 1755. Só em 1834, a Freguesia de Porches, até então pertencente ao concelho de Silves, passou ao concelho de Lagoa, o qual havia sido criado em 1773. (OLIVEIRA, 1987, p. 88).

A Estrada Nacional 125, principal meio de acesso a Porches, é a mais antiga via longitudinal do Algarve. As principais olarias da região estão localizadas as margens dessa rodovia, caminho de mobilidade de turistas e moradores. Conjugando uma perspectiva espacial contemporânea que acumula a arte tradicional oleira algarvia a outras partes do mundo, moldando valores e costumes do ponto de vista do desenvolvimento da atividade turística, sendo essa arte popular utilizada como elemento essencial nos comércios espalhados ao longo da rodovia.

Deve fazer-se, ainda neste ponto, uma breve referência que margeando essa via longitudinal estão as particularidades culturais expressas nas mãos criativas e comércio oleiro regional, com paisagens humanizadas pelos sujeitos sensibilizados com a arte popular da olaria que agrupam diferentes saberes e fazeres turísticos, com suas seduções, conteúdos e especificidades.

Emergem-se assim os lugares das olarias e dos sujeitos oleiros, desempenhando um papel fundamental na eficácia simbólica desses com a cultura regional. Este artigo buscou a conhecer, dimensionar e analisar o atual contexto da arte popular criativa oleira, porque cientificamente pouco se disse sobre essa tradição na região Algarve.

Metodologia

A partir da ideia central apresentada, este trabalho tem como ponto de partida de análise os elementos que caracterizam as olarias e oleiros de Porches, colocando o sujeitos oleiro e artista estrangeiro como centro do debate. Buscando compreender a internacionalização e modernidade dos lugares. Trazendo, assim, uma discussão que compartilha uma série de temas comuns e também possui diversas temáticas tão abrangentes quanto divergentes, não só nos campos da geografia, economia e turismo como em áreas afins.

Como dito, essa intervenção tem um cariz focalizado em sublinhar a articulação dos oleiros algarvios com os artistas estrangeiros. Essa reflexão traz possibilidades multidisciplinares de discussões e análises fecundas, pois nos coloca diante do cruzamento das relações socioculturais por meio do trabalho artesanal com o espaço, sendo este de acordo com Santos (2006, p.21) “não apenas um ponto localizável em função de uma determinada ocorrência percebida como extraordinária, mas um lugar que nela teve a sua gênese”.

Em suma, outra ordem importante, indispensável para a construção deste texto foi a pesquisa documental (levantamento das referências), recorrendo aos serviços das bibliotecas da Universidade do Algarve, Universidade de Coimbra e Universidade de Évora. Essa etapa foi fundamental para a construção teórica, no entanto, constatou-se uma relativa escassez de obras no domínio da olaria do Algarve e Sul de Portugal, e dessa temática conexa ao turismo e ao patrimônio cultural regional, tendo em vista que para reduzir a

lacuna teórica encontrada, foram fundamentais as entrevistas informais, o levantamento de materiais em arquivos públicos municipais e os trabalhos de campo.

Proporcionando uma melhor compreensão das dinâmicas espaciais da escala de análise, o trabalho de campo foi uma oportunidade de percebermos que o espaço “é codificado por categorias que permitem estruturá-lo: ele é ordenado em relação a um ponto de origem e às direções, o que permite situar os lugares uns em relação aos outros. (CLAVAL, 2006, p.100)”. Além disso, esse momento proporcionou a recolha do material fotográfico, apresentando os lugares em recortes e quadrantes visuais.

Porches e a olaria portuguesa

Numa ótica geográfica e histórica, a atividade oleira sempre esteve ligada a região em que o concelho de Lagoa no Algarve se insere, especificamente entre a sede urbana do município e a Freguesia de Porches. Nesse sentido, é possível considerar que essa discussão exercita uma dimensão científica abordando as vertentes cultural, de arte e tradição. No caso específico deste artigo, esta abordagem ficará enriquecida com a incorporação da temática turismo e sua relação com a arte criativa popular oleira, tornando-se um tema central assaz estimulante.

Recordando sinteticamente o que se entende pela história e geografia das olarias de Lagoa/Porches, Santos (2011, p.472-473) lembra que a manufatura do barro nesta região é tão antiga quanto o seu passado, “e essa mesma antiguidade acompanha-a desde o período neolítico, o que nos leva a considerar com alguma réstia de segurança ter sido a olaria a mais antiga se não a primeira indústria a florescer neste burgo milenário”.

De acordo com Santos (2011, p.473), a origem da cerâmica nesta região não é árabe e sim de um passado mais remoto, pois “[...] no que se refere à olaria, outros povos mais antigos, nomeadamente os romanos, que tantas marcas nos deixaram da sua atividade neste domínio, poder-se-ão contar, também, como verdadeiros paladinos dessa indústria”. Sendo os autóctones influenciados pela arte de confecção de artigos de cerâmica produzidos pelos artífices desta civilização, assim como de outros povos do Mediterrâneo Oriental que, desenvolvendo todo o seu comércio ao redor do mar interior, se serviam das vasilhas de cerâmica para nelas acondicionarem e transportarem o vinho, o azeite e outros produtos.

Os autores Santos e Lourenço (2012) retratam em parte os contributos produzidos por Santos (2011), relatando que efetivamente, com o decorrer dos tempos, a olaria de Lagoa foi uma atividade muito próspera até meados do século XX, ao ponto de ter sido considerada a segunda maior indústria da região, a seguir a cortiça. Lagoa era, nessa época, um dos centros de olarias do Algarve, a par com Loulé, Olhão e Moncarapacho. Até os finais dos anos de 1960, “a olaria de Lagoa manteve a importância que teve até então, fato que se deve à abundância, na região, da matéria prima – os famosos filões de barro vermelho”. (SANTOS; LOURENÇO, 2012, p. 8).

Assim, preconiza essa abordagem histórica da olaria regional de Lagoa no Algarve como fator primordial para a compreensão da realidade contemporânea, realçando nesse

contexto com maior relevância a olaria da freguesia de Porches, com suas questões de identidade com o lugar, o papel dos sujeitos locais na manutenção de um ofício tradicional, bem como os reflexos dessa atividade artesanal no território e turismo. “Porches transporta consigo, uma forte tradição na olaria, com um estilo e decoração próprios, antevendo-se, nas formas que usa, uma ligação direta com o passado distante, do qual ainda não se desligou”. (SANTOS, 2011, p. 474).

Outro ponto a ser destacado nesta trajetória histórica, consiste acerca da criação de uma Escola-Oficina Municipal de Artesanato em Lagoa, em 1983. O curso de Olaria, enquadrado no âmbito do Fundo Social Europeu (F.S.E) é promovido pelo Centro Popular de Lagoa (Associação de Solidariedade Social), com o apoio a Câmara Municipal de Lagoa, ao nível das instalações e serviços, havendo nesta ação o “intuito primordial de defender e continuar uma indústria tradicional, arte popular, que, a bem do património cultural da vila e país, deve merecer a firme atenção e carinho dos governantes locais e governamentais”. (SANTOS, 2011, p.473). Por circunstâncias de:

[...] um documento emanado da Câmara Municipal de Lagoa, temos conhecimentos que a olaria tradicional na vila de Lagoa foi recuperado por Fernando dos Santos Rodrigues, neto e filho de Mestres Oleiros da Vila, onde, como monitor dos cursos de olaria, subsidiados pelo Fundo Social Europeu e Estado Português, exerce a atividade na área da olaria cerâmica. (SANTOS, 2011, p.473-474).

Como última nota, neste breve apontamento histórico, diz respeito ao falecimento de Fernando Rodrigues dos Santos, no ano de 2013, o que levou até o momento o encerramento dos cursos e atividades de olaria desta escola, que era voltada essencialmente para o aspecto prático, em que o visitante ou turista podia observar ao vivo a confecção de objetos de cerâmica e olaria, podendo compreender as diversas fases por que passa a feitura de qualquer peça.

No que se refere ao trabalho da escola de olaria, pode-se afirmar ao apropriar das palavras de Vlach (2011, p. 18), que essa ação foi uma oportunidade de inclusão de sujeitos interessados na arte oleira, iguais e diferentes, que se tornou possível por meio de atividades e atitudes que estimulavam “o respeito ao outro, a valorização das diferenças étnico-culturais, o resgate das relações entre território/poder”.

Essa forma de conhecimento é preciosa, pois de alguma maneira mantém a tradição, a cultura e a identidade regional, oportunizando aos aprendizes, visitantes/turistas e demais sujeitos locais a valorizar aquilo que é pertencimento do lugar, registrando a arte de base local. Nessa perspectiva, a escola cumpria o objetivo de contribuir na geração de processos do conhecimento, auxiliando na compreensão de processos culturais complexos, colaborando na formação de sujeitos críticos e atuantes dentro de uma sociedade.

Olaria no destino turístico internacional Algarve

Aportando na vertente internacional da região Algabe, partimos do pressuposto que a olaria popular também se internacionaliza no mesmo período de tempo, pois embora pontualmente nesse tempo e espaço seja possível verificar algumas particularidades e densidades que aproximam os acontecimentos. Neste contexto, pode-se afirmar que a internacionalização dessa região no sul de Portugal geralmente é tomada como resultado de um processo de turistificação complexo em que participam o Estado e a iniciativa privada.

Regressando a primeira metade do século XX, pode-se afirmar que durante todo esse período “as praias do Algarve mantiveram-se essencialmente como pequenas estâncias frequentadas pela população da província e do Alentejo” (CUNHA, 2012, p.127), era praticamente desconhecido dos estrangeiros e dos próprios nacionais e suas possibilidades de atração muito reduzidas. Até o início década de 1960, o Algarve tinha forte índice migratório, quer no distrito de Faro e também no resto do país, porém já se caracterizava na região um pré-turismo.

Segundo Cunha (2012, p.126), encarado como estância de inverno, “com base, principalmente, na Praia da Rocha, o turismo algarvio deu poucos sinais de desenvolvimento até o início da década de sessenta e pouca atenção mereceu por parte dos poderes públicos”. Pela sua modernidade e dimensão o primeiro hotel, digno desse nome, o Vasco da Gama em Monte Gordo, só foi aberto em 1960 e nos primeiros anos desta década o turismo algarvio tinha características de passagem, apoiado em menos de meia dúzia de unidades hoteleiras. Porém, a partir de 1960 as dormidas de estrangeiros aceleram e aumentam mais rapidamente do que no resto do país multiplicando-se por quatro até 1963, enquanto no conjunto do país apenas aumentam de 1,5 de vezes. (CUNHA, 2012).

Em geral, outro ponto a ser destacado no texto de Cunha (2012), são os sinais encorajadores que associados à verificação da evolução ocorrida no sul da Espanha levam o Secretário Nacional da Informação a preparar, em 1963, um Plano de Valorização Turística do Algarve. Nesse plano elabora-se um esboço de zoneamento turístico, a fim de criar uma adequada cobertura regional de equipamentos turísticos.

Nessa trajetória de consolidação do turismo internacional no Algarve, Cunha (2006) chama a atenção para o ano de 1964, considerando-o como marco, período que ocorreu a explosão do turismo lusitano e que marca o verdadeiro início de desenvolvimento do setor no país. Procurava-se adaptar a organização administrativa às novas situações, pela transformação da Direção de Serviços de Turismo em Comissariado do Turismo, que pouco tempo depois deu lugar à Direção-Geral do Turismo, à criação do Centro de Formação Turística e Hoteleira destinado a coordenar a formação profissional e a criação da Secretaria de Estado da Informação e Turismo.

No mesmo período, o autor reflete ainda que os grandes empreendimentos turísticos desenvolveram-se:

[...] em novos centros, com destaque para o Algarve, a Madeira e Tróia que polarizaram as atenções e concentraram os investimentos levando à perda

de posição dos centros tradicionais. Constroem-se os aeroportos de Funchal e do Algarve permitindo estabelecer relações aéreas para os principais centros emissores. (CUNHA, 2006, p.86).

Essas mudanças apontadas pelo autor nos conduzem a dizer que é uma fase que vai alterar os padrões de comportamento dos visitantes e moradores nessas regiões, potenciando novas formas de vida nos lugares, estabelecendo uma ruptura com o passado. Essas mutações serão consonantes com os padrões de internacionalização que chegam as regiões, especialmente ao Algarve.

Aliás, por considerar essa linha de tempo, as questões da internacionalização do território algarvio tornaram-se mais intensa a partir da metade da década de 1960 com a construção do aeroporto internacional de Faro (1965) e com o surgimento dos hotéis de luxo de quatro e cinco estrelas (Penina, Balaia, D. Filipa, Alvor Praia e Algarve). Nesta perspectiva o turismo no Algarve vai evidenciar mudanças estruturais e:

Têm lugar os primeiros investimentos estrangeiros no Algarve (quase todos provenientes da Inglaterra e da Holanda); evidenciam-se os investimentos em: restaurantes, pequenas companhias imobiliárias, surgindo mais tarde as multinacionais; fortes taxas de crescimento dos turistas e das dormidas; desenvolvimento de atrações turísticas não naturais: Marina de Vilamoura, Aldeia das Açoteias, Campos de Golfe. [...] O turismo assume-se como atividade principal (GONÇALVES, 2003, p.262).

Nesse horizonte temporal, Cunha (2003, p.101-102) afirma que de praticamente desconhecido no início da década de 1960, pois ocupava lugar secundário no turismo nacional, o Algarve passou rapidamente a identificar-se com o turismo português e a constituir a sua imagem de marca: “o turismo português passou ser o Algarve e o Algarve passou a ser sinônimo de turismo”. Após um longo período de crescimento, o local ocupou o primeiro lugar do turismo português e, por isso, permitiu-lhe transformar-se num dos destinos turísticos mais importantes do mundo.

No período de duas décadas passadas e no início dos anos de 1990, a dimensão e expressão do turismo algarvio quase duplicou, tanto na oferta como na procura, o que traduziu um crescimento superior à média mundial. Esta região tornou-se, potencialmente não só um destino de turismo internacional, uma vez que passou a dar-se especial atenção ao binômio sol e praia, mas tornou ao longo das últimas décadas local de residência de estrangeiros oriundos principalmente de países do norte da Europa.

Ao fim e ao cabo, as referências e abordagens teóricas até aqui apresentadas apontam para uma forte conexão entre os lugares que formam a região Algarve e a realidade do turismo internacional. Assim, parece-nos importante que tal argumento de análise teve forte influência na olaria algarvia, pois é possível reconhecer que esta também foi se tornando internacional ao longo do tempo, fato esse simbolizados pelos elementos apresentados na figura quatro a seguir, mostrando os atores, por meio de uma compreensão sistêmica de sua realidade.

Santos (2011), por exemplo, tem o interesse de chamar a atenção para a realidade da olaria de Porches/Algarve a partir da década de 1960, que a mercê de algumas circunstâncias favoráveis:

[...] dentre elas o turismo, foi possível, num impulso feliz, recuperar algo desse passado artístico manufactureiro, nomeadamente o artesanato, trazendo novamente ao conhecimento das pessoas o valor artístico, qualidade e utilidade de verdadeiras obras de arte que, tendo preenchido o cotidiano do passado, se quedavam no esquecimento. (SANTOS, 2011, p.474).

A posição acabada de descrever resultará, porventura, fazer referência a obra de Oliveira (1987), preconizando uma noção de uma cultura popular associada ao turismo, privilegiando a análise defendida que “a partir da década de 1960 do século XX, a olaria em Porches recebeu novo impulso, surgindo barros artísticos que cruzam a técnica regional com a inspiração própria e original. (OLIVEIRA, 1987, p.88)”.

Do nosso ponto de vista, beneficiando pelos contributos teóricos aqui apresentados, é possível novamente afirmar que a olaria de Porches/Algarve acompanhará espontaneamente as mudanças regionais, particularmente com a construção do Aeroporto Internacional de Faro (1965) e as transformações políticas e econômicas no turismo de Portugal e Algarve apontados por Cunha (2006), o qual representa uma ruptura temporal, que privilegia a análise em função de uma região que atualmente se constitui destino internacional.

É neste enquadramento que se colocam as mutações ocorridas nas últimas décadas do século XX e primeiras décadas do século XXI. Inseridos na mesma linha de tempo a que, em geral, vimos fazendo referência, no início da década de 1960, chega ao Algarve o irlandês Patrick Swift que vivia com a família em Londres. Segundo uma das filhas que atualmente é gestora da Olaria Algarve, o pai soube da região pelo irmão, que veio viajando pelo sul da Europa (Itália, França, Espanha e Portugal) interessado em conhecer a situação da produção de vinho nesses territórios e não a olaria.

Soube-se durante os trabalhos de campo um pouco da história que levou Patrick Swift ao Algarve, primeiramente a Carvoeiro. Segundo sua filha o pai estava à procura de um lugar com mais luz que Londres para pintar, então foi informado que:

Um sítio que ainda não é conhecido, um cantinho lindo, lindo, lindo escondido é o Algarve. E pronto, vieram cá passar seis meses. Encantou-se com o que encontrou cá e voltou para Londres, vendeu o que tinha por lá e decidiu mudar para o Algarve. Quando veio pra cá, tinha duas filhas pequenas e uma esposa e precisava de uma maneira de gerir algum para a família. E veio logo para Carvoeiro. E depois conheceu o Lima de Freitas, que tinha casa em Carvoeiro. Tinha os dois a mesma ideia de tentar salvar a indústria aqui em Lagoa. (Entrevista Informal em agosto de 2014).

Santos e Lourenço (2012), também preconizam esse início durante a década de 1960. De acordo como os autores, quando o artista irlandês Patrick Swift veio pela primeira vez ao Algarve, percebeu que as olarias, outrora numerosas:

[...] tinham entrado numa rápida decadência, prevendo-se o fim desta indústria e com ela a natural extinção das técnicas populares que retinham todas as qualidades da louça fabricada num passado tão longínquo. Por essa altura, Lagoa contava com apenas três oleiros em atividade, quando poucos anos antes ainda existiam várias olarias na vila. O último oleiro profissional de Lagoa chamava-se Gregório Rodrigues, pai do Mestre Fernando Rodrigues, de Lagoa, que trabalhou na Olaria Carlota até meados dos anos 70. (SANTOS; LOURENÇO, 2012, p. 22).

Assim, que conheceu as peças de barro não decoradas em pequenas olarias e feiras locais, decorreu a necessidade e sensibilização de elaborar um novo negócio, no entanto, com peças decorativas com o objetivo de revitalizar a tradição. Tendo consciência da potencialidade oleira regional, Patrick Swift associou-se ao pintor, desenhador e escritor português Lima de Freitas e por volta de 1968, quando criam o Centro de Artes e Ofício chamado de Olaria do Algarve, onde um grupo de habitantes de Porches aprendia as técnicas de modelar o barro e outras as de pintura de peças.

Confirmando a parceria entre Patrick Swift e Lima de Freitas, chega-se à compreender que esses tinham em seus propósitos que era preciso defender essa arte criativa popular. Desse modo, foram responsáveis por inserir a pintura nos objetos de barro, dando formação as pessoas do lugar e recriando cores e desenhos como artistas que eram, no entanto, procuraram manter o que já existia no local.

Neste contexto, reconhecendo que a Olaria do Algarve se aproxima do fenômeno turístico, Santos e Lourenço (2012, p.25-26), enfatizam que “as peças foram valorizadas por portugueses de norte a sul do País, e estrangeiros que vinham passar férias na região”. Ao trazer de volta a arte popular oleira para o centro das atenções de moradores e turistas, Patrick Swift tornou-se uma referência no sul de Portugal, mesmo provocando mudanças nas práticas sociais, culturais e econômicas da atividade artesanal, por intermédio da introdução da lógica capitalista associado ao turismo, a Olaria Algarve traduz valores, atitudes e comportamentos de uma região que se tornou internacional.

Há o convívio com a modernidade, com as influências que vem do mercado e do espaço, e, sem dúvida mutações e uma série de novos hábitos e costumes que chegam ao destino associado à presença de turistas e moradores estrangeiros. Trata-se, por um lado, de uma realidade comercial atual que, inserida num modo de vida contemporâneo vai estabelecendo outras relações, como a criação do “Café Bar Baco (Bar Bacchus)” (Figura 2) junto a Olaria do Algarve, uma tradição do norte da Europa que se estabelece na vida do lugar, no lazer e na capacidade de coexistência entre o “Pub” e a arte criativa oleira, entre o espaço global e o espaço local.

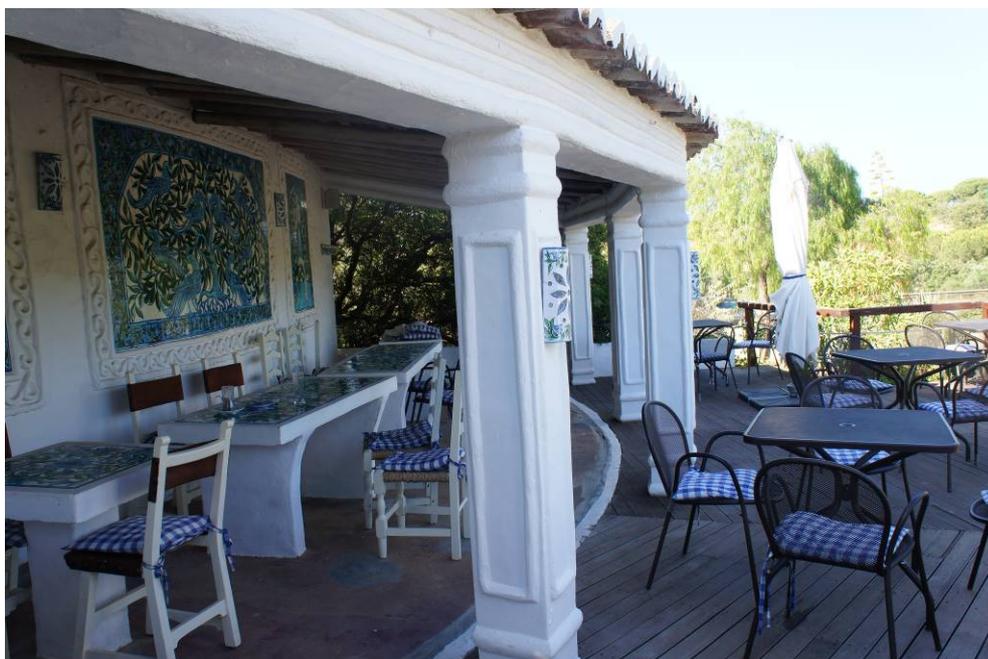
Há que referir, ainda, a outros importantes fatos ocorridos, especificamente nas décadas de 1970 e 1980, em que continuamos a assistir a internacionalização da olaria

algarvia, chegando a região o ceramista moçambicano Jorge Mealha e os escoceses Janet e Ian Fitzpatrick, esse último formado no curso de Belas Artes da Universidade de Edimburgo. Trabalharam juntos por aproximadamente uma década na região de Porches, e:

Em 1982, o ceramista Jorge Mealha abriu um novo atelier em Lagos e Ian Fitzpatrick tornou-se proprietário da Olaria Pequena, apresentando agora um estilo de artesanato ligado à azulejaria tradicional portuguesa pela sua técnica, mas de inspiração mais contemporânea, de novas peças com motivos típicos locais. (SANTOS; LOURENÇO, 2012, p.30).

Atualmente, os dois casos apresentados têm se distinguido da maior parte das outras casas de artesanato dessa paisagem no Algarve, especificamente por possuir produção própria. Se já são raros os fabricos de peças, há a resignificação da pintura. Na carência de tempo disponibilizado a produção, os oleiros estrangeiros vão dando lugar as práticas da arte decorativa ligada à azulejaria e cerâmicas que chegam de outras regiões do país e, neste caso, os artesãos contemporâneos vão sedimentando suas técnicas, tradições e cultura.

Figura 2 - Olaria Algarve e seu “Café Bar Baco (Bar Bacchus)”, ponto de referência para os turistas que procuram a arte criativa oleira na região Algarve.



Fonte: Vieira Santos, J. C. 2014.

Assim, já não causa surpresa as palavras de Freire (2013, p.01), que “a arte tradicional portuguesa está a ser renovada por mãos estrangeiras”. Neste sentido, Claval (2006, p.106) interpreta que os homens não param de imaginar “novos valores, de construir novas classificações e de traçar novas fronteiras”. Relacionado a nova fronteira, uma particularidade interessante a ser sublinhada, é novamente o caso do irlandês Patrick Swift, responsável

pelas profundas transformações que ocorreram na Olaria de Porches/Lagoa/Algarve, associando essa nova dinâmica ao turismo regional.

Desse modo, é possível sistematizar alguns tópicos que estão associados a esse estrangeiro que foi aceito pela comunidade local. Aderindo as mesmas preocupações dos portugueses de manter a tradição e ofício oleiro popular, tendo inicialmente buscado valores que associavam as pinturas das cerâmicas à arte portuguesa e associando a existência dessas aos objetivos dos moradores, proporcionando uma comunicação entre nativo e estrangeiro, entre o de dentro e de fora. Entre, outros exemplos de aceitação, ocorreu:

Em Assembleia de Freguesia do ano 2011. Ficou deliberado dar o nome do artista a uma das ruas principais de Porches (da igreja ao depósito de água), uma vez que, além de transportar o nome da vila para as mais variadas partes do mundo, foi grande benemérito. Da sua grande obra registram-se: projeto de restauro do Restaurante o Leão de Porches, a entrada da Escola Internacional do Algarve, Paineis na parede dos quartos de banho públicos, projetou o prédio que abriga a Olaria com vários painéis de sua autoria, Quadros da Via Sacra na Igreja de Porches. A Junta de Freguesia tem outras obras doadas acondicionadas em armazém. (SANTOS; LOURENÇO, 2012, p.27-28).

Acerca da realidade encontrada em Porches, bem pode dizer-se, parafraseando Claval (2006), que ao se congregarem em torno de preceitos comuns, os grupos abolem as distâncias psicológicas que existem entre os membros, o que lhes permite triunfar sobre a dispersão associada frequentemente às necessidades da vida. Este componente de aceitar o de fora, quando atinge o alcance espacial de base local, revela a escala pessoal do sujeito aceito e a maneira como este vive, deixando de instalar desconfianças e ameaças por parte daqueles que são do lugar.

Assiste-se, portanto, diante da realidade posta que os novos oleiros estrangeiros que chegam ao destino turístico internacional Algarve vêm com outras modalidades de formação. Estes novos saberes, porém, talvez não na sua totalidade, rompem com os modos de vida comercial tradicional e com aqueles que se encontram isolados das influências do mercado e das velocidades do mundo moderno, apresentando suas particularidades e densidades cujo movimento é direcionado para o fenômeno turismo.

Considerações Finais

Embora, atualmente, não deixe de ser um ofício ligado a atividade turística, a olaria do Algarve não pode ser vista apenas como um negócio comercial voltado para o turismo, visto que abrange um componente de arte, cultura e tradição regional. Desse modo, as análises e compreensões da olaria tradicional e do artista estrangeiro aqui apresentadas foram mais elementos de um panorama contemporâneo em que se evidenciam mudanças estruturais, culturais e sociais no Algarve, apresentando o sentido da aparente perda de uma tradição criativa popular, diante do enfraquecimento dos interesses pela arte oleira.

Dizer-se que as olarias de Porches/Lagoa/Algarve desaparecerão neste século XXI é um enorme risco, pois os sujeitos tradicionais oleiros demonstraram ao longo do século passado uma enorme capacidade de resiliência, pois ao longo dessa investigação foi percebido que esses são dotados de enorme capacidade adaptativa, mesmo necessitando receber influências e contribuições de artistas estrangeiros, que de forma direta foram fundamentais para que a olaria popular continuasse a existir.

Os oleiros dessa região associados aos artistas estrangeiros demonstraram ao longo de tempos pretéritos e contemporâneos aqui analisados que são capazes de se recuperarem de situações adversas, como crises econômicas e até mesmo diante de grandes transformações industriais e tecnológicas. Em tempos de mudanças foram capazes de suportarem as rupturas e se recuperarem poucas décadas depois, buscando difundir e promover sua arte em um cenário que se fortaleceu como destino internacional maduro, celebrando a sua olaria também como internacional.

A realidade analisada por esta investigação demonstra que a apropriação de novos territórios foi favorável para manter valores, práticas, costumes e culturas elaboradas por diferentes grupos de famílias nativas e estrangeiras envolvidas com o saber fazer oleiro, permanecendo esse trabalho como marcas que identificam a região algarvia. Em síntese, é indispensável que as autoridades algarvias saibam aproveitar a presença desses artistas estrangeiros com suas ideias criativas, promovendo principalmente parcerias com os setores privados.

Referências

- CLAVAL, Paul. (2006). Abordagens da Geografia Cultural. IN: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa, CORRÊA, Roberto Lobato (Org). **Explorações Geográficas: percursos no fim do século**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. P.89-118.
- CUNHA, Licínio. (2003). **Perspectiva e Tendências do Turismo**. Lisboa (Portugal): Edições Universitárias Lusófonas.
- CUNHA, Licínio. (2006). **Economia e Política do Turismo**. Lisboa (Portugal): Editorial Verbo.
- CUNHA, Licínio. (2012). **Turismo em Portugal: sucessos e insucessos**. Lisboa: Soares Artes Gráficas/Edições Universitárias Lusófonas.
- FREIRE, Rita S. (2013). **O Ceramista Escocês**. Lagoa: Revista do Arquivo Público de Lagoa.
- GONÇALVES, A. R. (2003). **A Componente Cultural do Turismo Urbano com Oferta Complementar ao Produto "Sol e Praia"**: o caso de Faro e Silves. Lisboa: TdT.
- Instituto Nacional de Estatística, Censos 2011. (2011). **censos.ine.pt**. Consultado em 19/07/2014.
- OLIVEIRA, Ataíde. (1987). **Monografia de Porches**. Faro: Algarve em Foco Editora.
- RIBEIRO, Orlando. (1986). **Portugal – o Mediterrâneo e o Atlântico**. (4ª Edição). Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora.
- SANTOS, J. C. V. (2013). **REGIÃO E DESTINO TURÍSTICO: sujeitos sensibilizados na geografia dos lugares**. São Paulo (SP): ALLPRINT Editora.

SANTOS, J. C. V. (2010). **Políticas de Regionalização e Criação de Destinos Turísticos entre o Lago de São Simão e a Lagoa Santa no Baixo Paranaíba Goiano**. Tese de Doutorado em Geografia. Universidade Federal de Uberlândia (UFU) - Instituto de Geografia.

SANTOS, José Benvindo; LOURENÇO, Lícínia. (2012). (Associação Academia Cultural Sênior de Lagoa/Junta da Freguesia de Lagoa). **Olaria do Concelho de Lagoa**. Sintra: Gényo Kriativo Artes Gráficas.

SANTOS, Maria da Graça Mougá Poças. (2006). **Espiritualidade, Turismo e Território**. Estoril (Portugal): Principia Editora.

SANTOS, Rossel Monteiro. (2011). **Histórico do Concelho de Lagoa** (Volume II). Lisboa: Colibri Artes Gráficas.

VLACH, Vânia Rubia Farias. (2011). Ensino de geografia, pesquisa, referenciais teórico-metodológicos: a atuação dos jovens no mundo atual. In. CAVALCANTI, L. de S.; BUENO, M. A.; SOUZA, V. C. de (Org). **A produção do conhecimento e a pesquisa sobre o ensino da geografia**. Goiânia: Editora da PUC Goiás. P.13-26.